

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“RIR É O MELHOR REMÉDIO”: A POLÍTICA BAIANA NO HUMOR DA REVISTA DO BRASIL (1906-1912).

¹Willan de Souza Januário

Professor da rede estadual de ensino da Bahia

E-mail: willjanuario@yahoo.com.br

O texto ora apresentado é fruto da comunicação desenvolvida no 31º Simpósio de Nacional de História e está em fase inicial. Nesse aspecto, o objetivo da exposição é analisar as representações humorísticas da política baiana da Primeira República (1889-1930) através de uma publicação denominada de *Revista do Brasil*. Esse periódico começou a circular em 1906, em Salvador, de propriedade de José Alves Requião (político e dono de alguns diários de imprensa da capital) e era claramente inspirado em magazines como *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta*, findando suas tiragens em 1912. Desse modo, o trabalho que será visto nas próximas páginas também faz um paralelo entre o objeto de pesquisa em questão e a produção historiográfica já publicada sobre o humor no período republicano.

Inicialmente, o periódico simpatizava com o grupo liderado por José Marcelino e Araújo Pinho (respectivamente, governadores do estado na primeira década do século XX). Entretanto, já na chamada Campanha Civilista de 1910 (evento que abalou as estruturas partidárias locais), vinculou-se às hostes políticas de J.J Seabra (habilidoso político que ascendeu ao executivo estadual em 1912). Por esse ângulo, é necessário destacar que alguns indícios levam a crer que os reflexos de outro evento, que a historiografia estadual denomina de Cisão do Partido Republicano da Bahia de 1907, teve influência na mudança de postura do proprietário da revista, uma vez que o bacharel estava ligado ao partido situacionista até esse ano. ² E, claro, o racha do PRB

¹ Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB- Campus Santo Antônio de Jesus- BAHIA).

² O Partido Republicano baiano ficou dividido em três grupos rivais (marcelinistas, seabristas e severinistas) a partir das prévias das eleições de 1908 que confirmariam a vitória do candidato de José Marcelino, o governador eleito Araújo Pinho. Tal disputa causou uma cisão que enfraqueceu o partido na Bahia e que mudaria os rumos da política local. A *Revista do Brasil* atribuiu as dissidências ao temperamento supostamente difícil do ex-governador Severino Vieira.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

esteve sobre os olhos atentos dos caricaturistas da revista, cujas assinaturas nos desenhos eram atribuídas a Raimundo de Oliveira o Onerom. Nesse sentido, essas charges tinham a capacidade de suavizar, em determinados momentos, os ataques pessoais dirigidos às autoridades - ao contrário dos textos enfadonhos e das críticas ácidas da maioria dos jornais da época. Essas caricaturas são exemplos de como a comicidade poderia estar a serviço da política e, assim como a gazetas, servem de exemplo para perceber como os proprietários de órgãos da imprensa construam a imagem de seus correligionários.

Porém, não só de peijas políticas vivia a *Revista do Brasil* uma vez que seus proprietários e caricaturistas estavam atentos às lutas travadas na Bahia da *Belle Époque*, como as constantes greves, turbas e movimentos sociais daquele tempo. Nesse sentido, as inúmeras charges, textos e sátiras produzidas por essa fonte é uma forma de entender como a imprensa baiana do período representava os populares através do humor e, ainda, permite o diálogo com os estudos de personagens humorísticos dos principais veículos que circulavam no Brasil como o denominado *Zé Povo*. Esse último, em solo baiano, ganhou características completamente distintas das feições publicadas nas revistas de outros estados e se travestiu em uma espécie de adulator das autoridades que Requião apoiava.

Uma das principais propostas trazidas pela pesquisa é pensar o humor no intuito de compreendermos os aspectos da cultura política ³ da Bahia no período indicado (BERNSTEIN, 1998). Nesse ponto de vista, o diálogo com fontes como as caricaturas que representavam as tramas internas do poder é importante na medida em que as imagens cômicas trazidas por publicações como a *Revista do Brasil* destoavam da linguagem rebuscada da imprensa baiana daqueles anos. E, nesse aspecto, o estudo feito até o momento indica que o humor extrapolava o círculo dos letrados. No caso das charges da *Revista*, mesmo que direcionadas para um restrito grupo de compradores em

³ Para Serge Bernstein, por exemplo, o conceito “cultura política” pode ser visto através da análise da sociedade em que se inserem os indivíduos políticos e um conjunto de crenças, valores, hábitos e normas de uma dada comunidade social. Essa ideia está vinculada as teses da chamada Nova História Política.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Salvador e no interior do estado, a população analfabeta poderia ter acesso aos desenhos repletos de linguagem não verbal e com chistes sobre políticos da época.

No que se refere produção histórica em relação ao cômico, Elias Thomé Saliba indica que uma das características mais fortes desse humorismo era o sentimento de “desilusão republicana”, que foi um movimento liderado por intelectuais que se engajaram no jornalismo desde o final do Império. Nesse sentido, o autor conclui que a representação humorística brasileira expressava um forte conteúdo emocional que não admitia trâmites e abstrações sociais, desconhecendo qualquer forma de convívio que não fosse ditado por essa ética (SALIBA, 2002, p. 57). Nesse âmbito, o *Zé Povo*, personagem que tem origem na Portugal de Bordalo Pinheiro,⁴ fazia parte da discussão que envolvia a busca de uma identidade nacional e os seus usos revelam as dinâmicas intelectuais dos caricaturistas.

Em outra perspectiva, Marco Silva defende que o *Zé* transitava nos principais periódicos brasileiros para denunciar uma situação social de desrespeito a seus direitos, bem como outros problemas do cotidiano. Nesse aspecto, para Silva, é importante identificar a produção humorística da Primeira República a partir das variadas representações físicas do *Zé Povo*, uma vez que seus traços variavam desde o plano verbal (“coitado”, “pobre”, “eterno pagante”) ou no visual - magro, desmazelo físico, roupas (SILVA, 1990, p. 9 à 15). Não obstante, partindo de teses opostas, o historiador Pedro Krause Ribeiro prefere denominar o *Zé* de “boneco”, pois a charge seria uma construção específica de cada caricaturista das revistas ilustradas existentes no final do século XIX e início do XX. Assim, a representação estaria vinculada aos interesses políticos de artistas, o que levaria a se deduzir que não existia um, mas sim específicos *Zés*. Nesse sentido, evitando a personificação dessa caricatura, seria melhor entendê-lo

⁴ A caricatura remonta a uma criação de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), em Portugal, no século XIX. A figura se tornou o símbolo do povo português, por representar as mazelas sofridas pela população e os desmandos da classe política. No Brasil, inspirou artistas como Alfredo Storni, Raul Pederneiras, e Kalixto nas famosas revistas que circularam no país. Em nosso contexto, a busca da nacionalidade e da identidade de um país de grandes contrastes se tornou uma das principais metas dos artistas da primeira metade do século XX e os humoristas também se inseriram no debate acerca da gênese do Brasil.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

como uma ponte entre os caricaturistas e suas criações que carregava mensagens políticas, por exemplo (RIBEIRO, 2011, p. 90).

Como é possível perceber, os três historiadores acima citados desenvolveram importantes contribuições ao debate em torno da imprensa ilustrada do período. Entretanto, os objetos de pesquisa desses autores são outros, pois eles têm como intento analisar as representações humorísticas a partir do *Zé Povo* das revistas que eram desenvolvidas em outros estados. Nesse aspecto, mesmo que em diálogo com esses periódicos, os usos do *Zé Povinho* e das demais caricaturas criadas na *Revista do Brasil* atendiam ao contexto político e social da Bahia daquele período. Nessa perspectiva, é importante destacar que não procuramos analisar o que era produzido em magazines como *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta* como produções “nacionais” e o que era feito pela imprensa da Bahia como “regional”, uma vez que concebemos que tais conceitos estão ligados a construções sociais de poder e espacialização (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 25-26). Dessa forma, é necessário enfatizar as diferenças e semelhanças entre essas fontes e fazer um diálogo entre a consagrada produção historiográfica sobre a linguagem cômica e uma documentação que precisa ser mais bem detalhada.

Por outro lado, é necessário assinalar que o período republicano foi caracterizado por protestos que marcaram a história baiana. Um dos exemplos disso foi o movimento paredista da Companhia Viação Geral da Bahia que paralisou o tráfego ferroviário de quase todo o sertão baiano, de Salvador e de alguns trechos do Recôncavo (SOUZA, 2008, p. 1-2). Tais tensões sociais também são confirmadas por historiadores como Antônio Luigi Negro e Jonas Brito, quando apontam que as autoridades baianas se sentiam incomodadas com as ruas estreitas, os antigos casarões e demais construções que julgavam ultrapassados para aqueles novos tempos na capital do estado. Pois, como é sabido, ao assumir o poder em 1912 J. J. Seabra liderou um processo de reurbanização inspirado nas reformas de outros lugares. Esse verdadeiro “bota-baixo” não se limitou as construções e avenidas, pois apesar do silêncio de determinadas fontes havia clara limitação ao acesso de trabalhadores negros de rua, homens ou mulheres (NEGRO e BRITO, 2013, p. 882-883). Nesse sentido, essas informações permitem fazermos uma comparação com o discurso defendido pelo periódico de Requião, pois em algumas de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

suas edições defendia a necessidade de “modernizar” a arquitetura da cidade e via com bons olhos as mudanças propostas.

Nesse ponto de vista, o historiador que se debruça sobre os estudos da Primeira República na Bahia sabe que esse período foi marcado por intensas disputas que redirecionaram a política local. Segundo a historiadora Cláudia Viscardi, a unidade federativa estava entre aqueles que mais tinham poder de definição na escolha das candidaturas presidenciais e que podia ser definido como um “estado médio”. Segundo a autora, outro fator que definia o peso do ente federativo era o número de deputados e os baianos tinham 22 cadeiras no Parlamento, algo equivalente à bancada de São Paulo, por exemplo. (VISCARDI, 2001, p. 53-64) Entretanto, ao que pode ser notado entre alguns pesquisadores, era que apesar desse peso político, havia uma insatisfação por parte de algumas lideranças estaduais em relação ao papel do estado nos novos rearranjos trazidos com a República. Tais percepções são sintetizadas por Rinaldo César Leite que enfatiza a existência, entre autoridades e intelectuais da região, de discursos que traziam sentimentos de “desilusão”, “decadência” e “declínio” da então *Rainha Destronada*. (LEITE, 2012, p. 23)

Nesse seguimento, visando analisar a percepção da perda de prestígio da Bahia no cenário republicano, Antonio Luigi Negro e Jonas Brito destacam o fato do estado ter tido lideranças políticas de peso no cenário nacional – a exemplo de Rui Barbosa e J. J. Seabra – além da numerosa bancada no Parlamento e do papel da economia baiana naquela época. Conforme os autores, se a Bahia não teve, na Primeira República, peso maior do que sua importância parlamentar, o fenômeno se deveu aos obstáculos decorrentes das disputas políticas internas, que impediram essas elites de atuarem com maior força nos embates nacionais e, também, de enfrentarem os desafios econômicos, tanto da lavoura açucareira quanto da indústria têxtil (NEGRO e LEITE, 2013, p. 863-887).

As informações apresentadas acima levam a crer que esse período pode ser entendido por diversos aspectos, um deles está relacionado às características dos partidos políticos existentes na Bahia. Nessa perspectiva, determinada historiografia tende a apontar o personalismo dos seus chefes como fator decisivo para a compreensão

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

da época. Exemplo citado por Consuelo Novais Sampaio é o Partido Republicano da Bahia (PRB), fundado em 1901 e que, a sabor das lutas partidárias, tinham seus membros identificados não por serem “republicanos”, mas pelo apoio que davam a seus líderes, ou seja, “severinistas” ou “marcelinistas”. Do mesmo modo que, após a criação do Partido Republicano Democrático (PRD), o personalismo de J.J. Seabra transformaria seus filiados e adeptos em *seabrista* (SAMPAIO, 1999, p. 47). Nesse sentido, a morte das autoridades ou derrota em eleições, não significava a retirada definitiva de um grupo do poder, mas a reelaboração de novas disposições dentro das redes partidárias, como aponta Sampaio com sua tese “de política de acomodação”.

Várias são as formas de tecer visões sobre a Bahia nesse período. Podemos entendê-la mediante aos confrontos e acordos oligárquicos dos anos em análise, como bem pontua uma historiografia mais antiga. (CARONE, 1972). Entretanto, o melhor panorama seria apresentar essa visão problematizando o que ficou conhecido como “política do café com leite”, uma vez que esse acordo não era tão estável quanto aparentava ser e apresentava complexidades dentro da conjuntura nacional (VISCARDI, 2001, p. 53) De todo modo, é indispensável ter um olhar ultrapasse as disputas partidárias e entenda que o regime republicano não pode ser chamado de “república popular”, uma vez que camadas populares foram destituídas de diversos direitos, inclusive se analisarmos o caso baiano. (SANTOS, 1990)

Nessa lógica, as representações humorísticas das revistas ilustradas do período, como *Revista do Brasil*, servem para apreendermos como intelectuais e artistas do período entendiam as mudanças trazidas pelo regime republicano. Na República, essa *intelligentsia* se viu diante de novos dilemas e seus questionamentos se voltaram para as dificuldades de se construir uma nação em meio a uma população que ainda não era definida (SALIBA, 2002). Nesse aspecto, o *Zé Povo* exemplifica esse debate em torno da busca de representações da sociedade brasileira. Em algumas charges, por exemplo, é possível perceber que a imprensa carioca utilizava a caricatura como “mulato” ou negro o que denotava um mecanismo de identificação ou diferenciação entre a personagem e os leitores. Entretanto, em determinadas ocasiões, ele também era apresentado como sendo branco e magro o que poderia acentuar sua pobreza e má situação, pois o tipo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

negro dispensaria outros recursos retóricos para reforçar aquela miséria (SILVA, 1990). De outro modo, Vera Borges defende que a força iconográfica da charge não estava apenas restrita a pequenos círculos, mas sua linguagem peculiar ultrapassava outros públicos que iam além dos leitores (BORGES, 2011, p. 278). Nesse sentido, o desenho caricato tinha papel determinante: uma representação de um indivíduo fora dos padrões civilizatórios, denunciando o cotidiano da vida carioca ou no exercício do seu papel de eleitor.

Como é possível perceber acima, os trabalhos acadêmicos sobre a linguagem caricata em tempos republicanos é predominantemente do sudeste. Pontualmente, o humor em terras baianas aparece em alguns estudos. Silvia Noronha Sarmiento, por exemplo, reforça a importância de se estudar o cômico quando pontua que algumas piadas direcionadas aos chefes partidários da Bahia nesses anos, presentes nas caricaturas e chistes, tinham o poder de dessacralizar essas autoridades trazendo a imagem delas para o cotidiano da população ⁵ (SARMENTO, 2011, p. 74-75). Nessa perspectiva, é imprescindível pontuar que aprofundar a investigação em torno da *Revista do Brasil* permite contribuir com a cultura política do estado. Ainda mais quando as representações humorísticas tornam-se o centro das análises.

À vista disso, é necessário perceber que as caricaturas, especialmente o *Zé Povinho*, precisam ser vistas como discursos de seus criadores, pois de certa maneira expressavam os posicionamentos políticos dos caricaturistas e dos proprietários desses veículos. Nesse aspecto, indicavam visões que os periódicos tinham sobre várias categorias daquela época e, dessa forma, retratavam humoristicamente esses indivíduos, que podiam ser populares ou não. As fontes encontradas em arquivos públicos permitem aprofundar os questionamentos. Observe as imagens 1 e 2:

⁵ Os apelidos que alguns líderes recebiam a exemplos de Araújo Pinho (“lesma de suíças”), Serevino Vieira (“sapo-cururu”), Virgílio de Lemos (“porco”), Rui Barbosa (“peru”), dentre outros.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8



IMAGEM 1: “Filosofia do Zé Baiano”

Autor: não identificado - Fonte: *Revista do Brasil*, Salvador, 20 ago. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.

O Zé Baiano, ao reclamar das governanças de Pinho e José Marcelino, exclama: “Ah! Que eu,

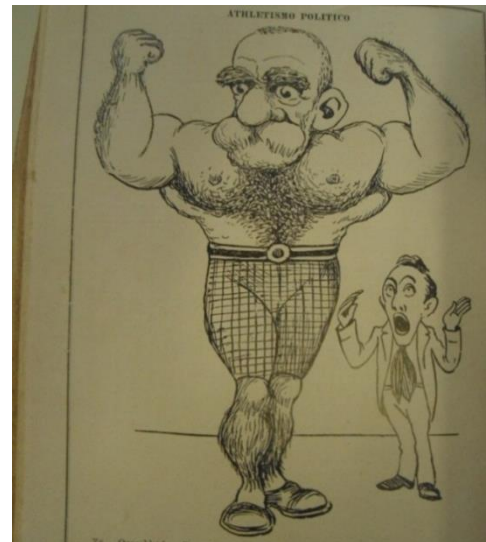


IMAGEM 2: “Atletismo político”

Autor: desconhecido - Fonte: *Revista do Brasil*, 10 jun. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.- “Zé: Oooooohh!... O sequispedal atleta que, pelas mãos de Rui Barbosa, acaba de vencer uma partida difícilíssima na raia mais elevada do parlamento nacional!... Este homem só difere de Hércules, por não ser filho de Jupiter com Alemenés”.

A caricatura 1 é uma das representações atribuídas pelos chargistas ao “povo” da Bahia. Aliás, esse Zé não era o personagem típico da *Revista do Brasil*, uma vez que os traços europeus atribuídos ao desenho foram os mais encontrados. Entretanto, em algumas ocasiões, o tradicional personagem branco saía de cena e dava lugar a outros sujeitos, como o *Zé Bahiano*. Quando isso acontecia, o desenho tinha suas características jocosas e maltrapilhas ainda mais acentuadas. Nesse aspecto, quando negros, mulheres grevistas e outros indivíduos eram representados, é possível perceber que o objetivo era desqualificar determinadas categorias sociais, principalmente, quando elas se envolviam em revoltas que assustaram as autoridades baianas e os veículos da imprensa. Assim, é perceptível que o *Zé povinho* da imagem 2 apresenta diferenças.

Nessa caricatura, o Zé, branco e espantado, admira a “musculatura política” de José Marcelino, comparado ao semideus Hércules, um claro tom de deboche às

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

pretensões políticas de um adversário de Requião. Tanto na imagem 1 quanto na 2, o *Zé povinho*, aparentemente, é um “fantoche” usado para achincalhar os opositores ou mesmo enaltecer os possíveis financiadores da *Revista* (caso de Seabra, sempre positivamente representado). Nesse aspecto, surgem questionamentos que precisam ser elucidados futuramente: quais os objetivos dos caricaturistas e proprietários da revista ao distinguir o *Zé Povinho* do *Zé Baiano*? E, quais as diferenças reais entre essas duas personagens? Por que os desenhos “mulatos” não falavam da difícil situação de carestia de preços, a repressão policial e a exclusão social, como acontecia com os personagens negros das revistas ilustradas nacionais? ⁶ Tais perguntas só poderão ser respondidas com eficácia se forem analisadas por meio do método de comparação entre diferentes fontes históricas como os jornais e correspondências entre políticos, por exemplo. Documentações que permitem aprendermos mais sobre a cultura política da época.

Por cultura política entendemos um conjunto de tradições que podem ser definidas em seu caráter plural em um dado momento da história e em certo país ou nação. Por esse ângulo, é preciso destacar que o conceito está ligado a chamada Nova História Política que tem René Rémond como um de seus principais expoentes e, desse modo, a pesquisa também dialoga com essa perspectiva uma vez que esses intelectuais estão preocupados em resistir aos vícios de uma escrita essencialmente narrativa sobre as disputas pelo poder (RÉMOND, 1996, p. 49).

Pra concluir, é interesse reafirmar que essas são reflexões iniciais e que pretendo elucidar ao longo do processo de pesquisa acerca das representações humorísticas da *Revista do Brasil*. E, uma vez que falamos de humor, é importante refletirmos sobre o chiste. Podemos nos questionar sobre o que estava por trás das pilhérias produzidas na Bahia uma vez que foram encontradas piadas que ofendiam mulheres feministas, negros e demais classes subalternas. Por que naquele tempo e, ainda, hoje é considerado engraçado ofender pessoas para dar risada? O que justifica dar gargalhadas em uma

⁶ Como aponta Marco A. da Silva, em referência às revistas ilustradas nacionais, elementos como os cabelos eriçados da personagem estavam relacionados ao desmazelo típico da questão racial, que se apresentavam como mecanismos de identificação e diferenciação possíveis entre o boneco e o leitor. Nesse sentido, ao que parece, o objetivo dessa charge era o mesmo de outros desenhos encontrados, uma vez que seriam formas de enfatizar a enorme miscigenação existente no Estado que, inclusive, desagradava as elites que almejavam o ideal civilizatório europeu.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

linguagem cômica depreciativa? São questionamentos que a investigação em torno do periódico em análise se propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste** e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- BELLO, José Maria. **História da República** (1889-1945): síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1972.
- BERNSTEIN, Serge. “**A cultura política**”. In: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli (Dir.). **Para uma História cultural**. Lisboa: Editorial Estampa 1998.
- BORGES, Vera Lúcia Bogéa. **A batalha eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- CARONE, Edgard. **A República Velha II: evolução política** (1889-1930). 3. ed. ver. Rio de Janeiro: Difel, 1971.
- LEITE, Rinaldo César Nascimento. **A Rainha Destronada: Discursos das Elites sobre as Grandezas e os Infortúnios da Bahia nas Primeiras Décadas Republicanas**. Feira de Santana, UEFS Editora. 2012.
- NEGRO, Antonio Luigi e BRITO, Jonas. **Mãe parálitica no teatro das oligarquias?: o papel da Bahia na Primeira República para além do café-com-leite**. *Varia hist.* [online]. 2013, vol.29, n.51, p. 882-883. ISSN 0104-8775
- RÉMOND, René (Org.) - **Por uma história política**. Rio de Janeiro. FGV, 1996.
- RIBEIRO, Pedro. Krause. **Usos do povo no discurso político da charge: Zé povo e Zé povinho na imprensa luso-brasileira (1877-1912)**. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social (UFRJ). Rio de Janeiro, 2011.
- SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. BAHIA Assembleia Legislativa. **Os partidos políticos da Bahia na primeira república: uma política de acomodação**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1999.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **O Movimento republicano na Bahia**. Salvador. Centro Baiano da Universidade Federal da Bahia, 1990.

SARMENTO, Sílvia Noronha. A raposa e a águia. J. J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da Primeira República. Salvador: Edufba, 2011.

SOUZA, Robério. **Quer nos colocar â forma de escravos humilhados**: relações de trabalho e mobilizações grevistas na Bahia, 1909. Campinas, Nº 14-15, 2008.

SILVA, M. A. **A caricata República**: Zé Povo e O Brasil. São Paulo: CNPq/Marco Zero, 1990.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **O Teatro das Oligarquias**: uma revisão da política do café com leite. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.